

Setenta e dois anos a residir no B.O

Jornal O País

22 de Julho 2011

Pedi para não ser identificada nessa reportagem, mas é tratada por mamã entre familiares, vizinhos e amigos.

A velha que resente os seus 72 anos, começou por assegurar a O PAÍs que nunca saiu do bairro onde nasceu.

Ao retratar as suas recordações do período que antecedeu a independência, informou que o bairro Operário aglomerou a maior parte dos indígenas da época, por iniciativa dos portugueses colonialistas, que pretendiam agrupar todos os negros com espírito de vitória numa área, onde lhes facilitasse o controlo.

“O colono colocava toda gente trabalhadora, criativa e inteligente aqui, para lhes controlar melhor”, disse, tendo revelado que a prática da prostituição no B.O, deve-se ao protagonismo dos colonialistas que invadiam o bairro, para satisfazer as suas necessidades.

Como em outros bairros antigos de Luanda, as casas típicas dos populares eram feitas de madeira e chapas de Zinco, um protótipo ainda visível nos dias de hoje. Questionada se o ambiente facilitava tais actos, a anciã fez saber que o bairro também era habitado por muitas mestiças e viúvas, que se encarregavam de realizar o negócio do corpo, envolvendo miúdas e senhoras oriundas de outras paragens, das quais a velha cita o Marçal e o Cazenga, que, segundo disse, já constituíam bairros com muita população.

Quem consentiu a existência da meretrícia na área foi Filipa Francisco Coelho de 68 anos de idade e moradora da rua Centro Cultural Agostinho Neto, onde disse ter existido a casa da Chica Cambuta, frequentada por miúdas e

senhoras da vida, vindas do Marçal. O recinto de dança Izulina, de uma proprietária mestiça, completava o acolhimento das prostitutas.

Apesar de ter vivido 11 anos fora do bairro, por decisão do marido, ela considera-se como uma pessoa que nunca abandonou o Operário, pois não passava uma semana sem visitar os familiares, amigos e vizinhos, com quem partilhou os momentos da infância.

Sobre os nomes que marcaram os seus primeiros passos de vida, Filipa Coelho lembrou as famílias Mário Honorato, Mateta, Simão e Edgar, os únicos de quem testemunha antiguidade ou genuinidade, já que outros tantos, informou, já saíram do bairro, faz tempo.

Na época, a rua famosa era a que passa pela então casa de Agostinho Neto (hoje Centro Cultural do Fundador da Nação) e termina nos chamados prédios, em direcção à escola ANANGOLA, por ser nessas paragens onde havia raparigas e jovens de elite, procuradas por pessoas forasteiras, que consideravam importantíssimas.

Os centros recreativos como o União São Paulo, Sem Medo e o Clube dos Congolezes acolhiam Filipa e as pessoas do seu tempo, para as diversões, algumas vezes complementadas com festas de quintais, fruto de iniciativas próprias, através de contribuições financeiras e materiais. O agrupamento Ngola Ritmo, com os sonantes nomes Liceu Vieira Dias, Nino Ndongo e Gegé foram recordados por Filipa, que não pôs de parte Lurdes Van – Duném.